



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1999 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 08 - Formação de Professores

O LUGAR DA INFÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS
Alessandra Martins Constantino Cypriano - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
Luciana Pimentel Rhodes Gonçalves Soares - Criarte/UFES

Resumo

Esse texto apresenta apontamentos preliminares do projeto de pesquisa “Relações entre Infância(s) e fazer docente” que visa problematizar as concepções de infância/criança com os estudantes das licenciaturas que desenvolvem o estágio supervisionado, a monitoria (estágio remunerado) e outros tipos de estágios/atividades numa instituição federal de Educação Infantil, a partir de seus estudos no curso de formação inicial e de suas práticas nessa instituição. Para tanto, enquanto percurso metodológico utiliza a pesquisa-ação, dado o seu caráter de maior flexibilidade. Fundamenta-se nos estudos de Sarmiento (2007); Corsaro (2011); Qvortrup (2011), Pimenta (1995), dentre outros. Espera assim, ampliar e aprofundar a discussão dessa temática, favorecendo uma compreensão que conceba a indissociabilidade teoria/prática e o fortalecimento dessa instituição como espaço de pesquisa e extensão na universidade.

Palavras-Chave: Infância. Fazer docente. Estágio.

O LUGAR DA INFÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Resumo

Esse texto apresenta apontamentos preliminares do projeto de pesquisa “Relações entre Infância(s) e fazer docente” que visa problematizar as concepções de infância/criança com os estudantes das licenciaturas que desenvolvem o estágio supervisionado, a monitoria (estágio remunerado) e outros tipos de estágios/atividades numa instituição federal de Educação Infantil, a partir de seus estudos no curso de formação inicial e de suas práticas nessa instituição. Para tanto, enquanto percurso metodológico utiliza a pesquisa-ação, dado o seu caráter de maior flexibilidade. Fundamenta-se nos estudos de Sarmiento (2007); Corsaro (2011); Qvortrup (2011), Pimenta (1995), dentre outros. Espera assim, ampliar e aprofundar a discussão dessa temática, favorecendo uma compreensão que conceba a indissociabilidade teoria/prática e o fortalecimento dessa instituição como espaço de pesquisa e extensão na universidade.

Palavras-Chave: Infância. Fazer docente. Estágio.

Introdução

Os modos de ensinar as crianças caminham articuladamente às concepções que se têm sobre elas e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas se conformam a diferentes pressupostos teóricos que precisam ser discutidos. Nesse sentido, é importante problematizar a prática à luz da teoria e tensionar a teoria consoante à prática, buscando, nesse movimento, investigar se os futuros profissionais docentes têm tido a oportunidade, na formação inicial (e também nas experiências de estágios/monitorias) de aproximarem-se dos modos de ser criança em articulação aos conhecimentos específicos da área escolhida para a formação, considerando, portanto, teoria/prática como indissociáveis.

Diante desses apontamentos, o objetivo central da pesquisa é problematizar as concepções de infância/criança com os estudantes das licenciaturas que desenvolvem o estágio supervisionado, a monitoria (estágio remunerado) e outros tipos

de estágios/atividades numa instituição federal de Educação Infantil, a partir de seus estudos no curso de formação inicial e de suas práticas nessa instituição.

Em termos específicos, objetiva, em linhas gerais, discutir o processo histórico de surgimento da infância; problematizar as práticas pedagógicas no que tange ao fazer docente com crianças, visando relacionar os conhecimentos específicos propostos pelos cursos de formação inicial a modos de atuação com crianças; favorecer experiências interessantes aos estudantes contribuindo para a formação desses sujeitos; possibilitar a participação das crianças no processo de avaliação dos estágios/monitorias.

Enquanto percurso metodológico elegemos a pesquisa-ação, por conceber que ela possibilitará uma melhor articulação entre pesquisadores e participantes de modo cooperativo, em face da natureza do objeto pesquisado, dos sujeitos e dos objetivos da pesquisa e da dinâmica de funcionamento de uma instituição de Educação Infantil. As técnicas previstas para a produção dos dados são: observação participante, grupo focal, painel e entrevista semiestruturada. A conjugação dessas técnicas visa levantar conceitos, valores, ideias, bem como dialogar e confrontar informações. Os estudos de Bardin (1977), Gil (2002) e Michel (2009) orientarão a organização e a interpretação dos dados.

Referencial Teórico

Sarmiento (2007) coloca a questão da (in)visibilidade social da infância, comparando-a a um processo claro-escuro onde o lado não iluminado logra poucas chances de se fazer ver porque se torna oculto, e oculto, muitas vezes nem sequer é considerado, pois não se expressam expectativas de que seja encontrado. Assim, um olhar à história nos remete a esse processo de ocultamento dos mundos sociais e culturais das crianças.

Num passado recente se percebe a marginalidade conceitual e social da infância. Ariès (1978) relaciona a ausência física da imagem infantil à ausência da consciência da ideia da infância durante a maior parte da história. Ao se questionar a respeito das relações entre infância e sociedade, a historiografia apontou algumas concepções de infância percebidas na Idade Média e no período de transição para a Idade Moderna – período em que a ideia de infância passou a ser vista como uma fase própria do desenvolvimento humano.

Foram várias as representações a respeito das crianças ao longo do tempo e destacaremos aqui aquelas consideradas como imagens “pré-sociológicas”, pois conforme Sarmiento (2007) são expressões conceituais de tipos ideais de crianças em grande medida presentes nas obras de filósofos e de outros pensadores e mais fortemente disseminadas no senso comum. Logo, destacamos: as concepções em torno da ideia de criança má – centrada atualmente nas crianças das classes mais pobres e na evocação do “risco social” que representam; de criança inocente – representativa do *slogan* “futuro da nação”; de criança imanente – entendida como “tábula rasa”; de criança naturalmente desenvolvida – expressão da psicologia do desenvolvimento; de criança inconsciente – objeto da psicanálise. Concepções que se entrelaçam e se constituem dispositivos simbólicos que justificam ações para com as crianças.

Dentre as ações balizadas por essas referências simbólicas estão também as práticas pedagógicas. O entendimento das crianças pela via da negatividade – o não adulto, o não completo, o que não fala – as colocam como desprovidas de autonomia e competência, suspeitando do pensamento infantil (SARMENTO, 2007).

Todavia, há de se considerar que existe uma relação social específica entre crianças e adultos, professores e estudantes, no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos como pré-condição para o desenvolvimento da cidadania (ainda que no contexto de uma democracia minimalista), pois tais sujeitos encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimentos e experiências) da prática social (SAVIANI, 2003).

Ao mesmo tempo, afirma Sarmiento (2007) que o não reconhecimento da complexidade em torno da ideia de infância, dadas as inúmeras variáveis – étnicas, sociais, religiosas, regionais, etc., nos levam a outro caminho que não o reconhecimento das crianças como sujeitos ativos no mundo; como sujeitos que produzem cultura. Logo, o fazer docente encontra seus limites ainda que muitas vezes se declare emancipatório.

A complexidade dos mundos de vida das crianças – das favelas brasileiras aos bairros sociais europeus, em trânsito pelas ruas da cidade ou fixadas em assentamentos, nas casas da classe média, nas escolas e jardins de infância, nas instituições totais, nos centros de acolhimento e nos hospitais, nas aldeias ou nas reservas territoriais – desafia uma ciência que parta ou que se fixe em imagens. Uma ciência outra, atenta à complexidade das condições de existência das crianças, capaz de combinar os vetores da socialização (horizontal e vertical, realizada entre pares e com os adultos) com os da subjectivação, o grupo geracional na sua existência histórica concreta com a criança actor e autor da sua história singular de vida [...] (SARMENTO, 2007, p. 45).

Considerando as contribuições da Sociologia da Infância e a especificidade da instituição federal de Educação Infantil em referência enquanto espaço formativo para estudantes de diversas licenciaturas, a prática do estágio/monitoria emerge como uma questão que necessita ser tensionada dada sua natureza formativa em face do atravessamento das concepções ligadas às infâncias; concepções essas que vem se materializando nos espaços dedicados às crianças e, apesar dos conflitos, avanços e recuos, nos documentos oficiais.

Nesse sentido, Pimenta (1995; 2006) aponta que o estágio é comumente reconhecido como a parte prática dos cursos de formação de professores em contraposição à teoria. Argumenta que muitos currículos de cursos de formação, a despeito de estabelecerem conexão ou correlação com a realidade que lhes originaram têm, em muitos casos, se

constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si; fato esse que não permite sequer reconhecê-las enquanto teorias, pois se apresentam somente como saberes disciplinares desvinculados do campo de atuação profissional.

Se a contraposição entre teoria e prática não é meramente semântica, eis a importância constante da busca pela superação da dicotomia entre teoria e prática na docência e, no caso dessa proposta, na Educação Infantil, por meio de um movimento de pesquisa e reflexão sobre a práxis. Para Konder (1992, p. 115-116):

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática [...]. Práxis e teoria são interligadas, interdependentes. A teoria é um momento necessário da práxis; e essa necessidade não é um luxo: é uma característica que distingue a práxis das atividades meramente repetitivas, cegas, mecânicas. A práxis é a atividade que precisa da teoria.

É nessa compreensão que o estágio/monitoria constitui-se uma prática social como forma de intervir na realidade, o que inclui, evidentemente,

[...] seus modos de agir e pensar, seus valores, seus compromissos, suas opções, seus desejos e vontade, seu conhecimento, seus esquemas teóricos de leitura do mundo, seus modos de ensinar, de se relacionar com os alunos, de planejar e desenvolver seus cursos (PIMENTA, 2006, p. 11).

Dessa forma, o estágio/monitoria pode ser uma experiência que promova a reflexão acerca do significado social, cultural e humano da ação presente e futura desses sujeitos.

Resultados Esperados

Esperamos saber de que maneira e a partir de que perspectiva o tema da(s) infância(s) vem sendo debatido e considerado nos cursos de formação inicial; quais as impressões dos estudantes a respeito da Educação Infantil e do trabalho docente desenvolvido na primeira etapa da Educação Básica; o que as crianças têm a dizer a respeito do que propõem esses estagiários/monitores. Por fim, pretendemos com essa iniciativa fortalecer o diálogo entre a primeira etapa da Educação Básica e a universidade, afirmando seu caráter formativo enquanto espaço de ensino, pesquisa e extensão e dando visibilidade a identidade da Educação Infantil.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CORSARO, William. **A Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- PIMENTA, Selma Garrido. Estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 94, p. 58-73, 1995.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, Santa Catarina, v. 3, n. 3, p. 05-24, 2006.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.